

OS PROBLEMAS PRÁTICOS DA TRADUÇÃO¹

Marianne Lederer*

RESUMO: O presente trabalho, inédito em português, traz alguns dos principais conceitos da Teoria Interpretativa da Tradução por meio da análise de exemplos concretos. Conhecida no Brasil principalmente nos programas de formação de intérpretes, a Teoria Interpretativa da Tradução, ou Teoria do Sentido, engloba reflexões úteis e valiosas também para a tradução textual. Os problemas observados pela autora na prática tradutória incluem ausência de desverbalização, transcodificação de palavras e frases, identificação imprecisa de unidades de tradução, bem como a questão da fidelidade, da transferência cultural e da ignorância cultural.

Palavras-chave: Teoria Interpretativa da Tradução. Estudos da Tradução. Prática da Tradução. Marianne Lederer.

Apresentação²

O texto que apresentamos a seguir é a tradução do primeiro capítulo da segunda parte do livro *La traduction aujourd'hui: Le modèle interprétatif*. O interesse dessa obra reside na descrição dos alicerces da Teoria Interpretativa da Tradução, também denominada Teoria do Sentido (*Théorie du Sens*), acompanhada da explicação clara dos seus conceitos-chave. Desenvolvida por Marianne Lederer e Danica Seleskovitch no âmbito da École Supérieure d'Interpretation et Traduction (ESIT), em Paris, o método de tradução proposto pela Teoria Interpretativa origina-se da prática da realização de interpretações consecutiva e simultânea, partindo das experiências da tradução do discurso oral e se estendendo a uma teorização da tradução do discurso escrito. O intérprete, ao executar uma tradução oral, leva toda a sua atenção às unidades de sentido, abstraindo-se da forma expressa e libertando-se do invólucro verbal original do texto, concentrando assim todo seu esforço em expressar na língua da tradução aquilo que antes foi expresso na língua do original.

O princípio interpretativo é, portanto, aplicável tanto à tradução oral quanto à tradução escrita – em qualquer par de línguas. O modelo dá destaque à interpretação do conteúdo em detrimento da forma e insere a tradução na situação de comunicação, usando o método da triangulação: compreender-desverbalizar-expressar. Dessa forma, o tradutor lê e compreende o discurso, desverbaliza sua forma linguística e expressa, em outra língua, as ideias e os sentimentos compreendidos. Assim, a teoria interpretativa permite ao tradutor se afastar das teorias linguísticas que consideram o respeito à forma uma garantia de fidelidade ao original, o que para Lederer só existe se o tradutor for fiel ao sentido do discurso/texto, procurando não se deter à palavra tipográfica.

Como a obra não está aqui em sua integralidade, vale apresentar alguns conceitos recorrentes na teoria, tais como a transcodificação, a bagagem cognitiva e a sinédoque. A *transcodificação* é a tradução linguística na qual se desconsideram contextos e complementos

¹ Publicado originalmente com o título “Les problèmes pratiques de la traduction”, sendo do primeiro capítulo da segunda parte do livro *La traduction aujourd'hui: le modèle interprétatif*, Paris: Lettres Modernes Minar, [1994] 2015, reimpressão da edição de 2006 pela mesma editora. Tradução de Mariana da Silva Frauches, Priscila Bastos Giesbrecht e Adauto Villela. Este artigo foi traduzido no âmbito do projeto de extensão *Traduções Acadêmicas 2018* do Bacharelado em Tradução da FALE-UFJF, coordenado pela Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes e o Prof. Dr. Adauto Villela, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: adauto.villela@ufjf.edu.br

* Graduada em Letras e Doutora em Interpretação pela Sorbonne, dirigiu a École Supérieure d'Interprètes e de Traducteurs (ESIT) na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 entre 1990 e 1999, tendo obtido o título de Professora Emérita em 2002.

² Apresentação de Mayra Barbosa Guedes.

cognitivos do sujeito que traduz. Tal tipo de tradução opõe-se à tradução do sentido ou tradução interpretativa. Corresponderia àquilo que os leigos denominam tradução ao pé da letra. A *bagagem cognitiva* do indivíduo corresponde a todo o seu saber empírico, à sua destreza no uso da linguagem e a seu conhecimento enciclopédico, isto é, o seu conhecimento de mundo. O componente cognitivo do tradutor é aquilo que lhe permite acessar o sentido, através dos elementos cognitivos e afetivos. Tais saberes sempre vêm juntos, permitindo a interpretação do discurso por meio da desverbalização. Sem a ativação de tais recursos, o ser humano executa apenas a transcodificação do texto, levando a uma tradução muitas vezes sem sentido. Por fim, a *sinédoque* é uma figura de linguagem semelhante à metonímia, na qual toma-se uma parte pelo todo. De acordo com o glossário da autora, o fato de cada língua erigir sinédoques diferentes para designar os mesmos objetos concretos ou abstratos é uma das razões pelas quais não se pode traduzir apenas por transcodificação.

Na primeira parte do livro, expõe-se a teoria e na segunda verifica-se a sua validade na prática e através de exemplos concretos. Os três capítulos da primeira parte - 1. *Interpréter pour traduire*; 2. *Equivalences et correspondances*; 3. *Langage et traduction* - constituem o núcleo teórico da tradução interpretativa. Na seção II, "*Les pratiques de la traduction*", encontram-se os seguintes capítulos: 1. *Les problèmes pratiques de la traduction*; 2. *La traduction en langue étrangère*; 3. *La traduction automatique dans la perspective de la traduction humaine*. O capítulo traduzido e aqui publicado refere-se capítulo 1 da seção II - "*Les problèmes pratiques de la traduction*". Ao final da obra, encontra-se um glossário dos termos importantes para a teoria e, em anexo, dois textos com respectivas traduções, sendo um deles o texto do qual foram extraídos os exemplos pontuais empregados pela autora. Esse artigo em inglês encontra-se integralmente disponível ao final, a fim de contextualizar você, leitor.

O objetivo desta tradução é levar aos falantes de português uma abordagem muito prática da tradução que, contudo, não negligencia um sólido embasamento teórico sobre o fazer tradutório. Ao nos conceder licença para publicação do presente capítulo traduzido, Marianne Lederer revisou nosso trabalho e nos parabenizou pela iniciativa de traduzir parte de sua obra.

OS PROBLEMAS PRÁTICOS DA TRADUÇÃO

Marianne Lederer

Introdução

Em condições ideais, o tradutor traduziria tão facilmente quanto leria ou escreveria, pois ele teria, nas duas línguas, a competência de um autóctone culto: possuiria o mesmo nível de estilo que o autor do texto a ser traduzido, gozaria de uma profunda afinidade com os seus sentimentos (convicções políticas ou religiosas, sensibilidade poética ou desejo de informar) e estaria consciente de que traduzir consiste em reexpressar o sentido cognitivo e afetivo do original. Idealmente, a tradução é um processo de transferência de conteúdos conceituais e emocionais de uma língua para outra, efetuado por um tradutor perfeitamente bilíngue, totalmente identificado com o autor do texto original e consciente das prováveis reações dos leitores de seu texto. Teoricamente, nenhum obstáculo de ordem linguística, cultural, estilística, temática ou terminológica se opõe à tradução.

Na prática, essas condições estão raramente reunidas. O tradutor, como todo ser humano, tem fraquezas que por um lado lhe são próprias e por outro são devidas às

circunstâncias nas quais trabalha. Não é um perfeito bilíngue e, mesmo com um bom domínio da língua original, não pode cobrir a totalidade do sistema aberto que é o léxico. Ele nem sempre possui a intuição poética necessária para a recriação de um texto literário, não tendo, necessariamente, as mesmas convicções do autor, não é onisciente e a pesquisa documental mais profunda nunca equivale ao conhecimento do especialista. As circunstâncias nas quais trabalha nem sempre são favoráveis: prazos muito curtos impostos pelo contratante da obra, dificuldades de acesso à documentação, textos originais mal escritos ou deliberadamente obscuros. Dessa selva de problemas, os bons tradutores emergem com brio, conscientes da incidência desses fatores sobre a dificuldade de seu trabalho.

Na sequência, sempre nos colocaremos na ótica mais recorrente da prática contemporânea, aquela em que uma tradução visa colocar o leitor em condições mais próximas possíveis daquelas do leitor do original para tentar deixar ambos em pé de igualdade.

Alguns problemas observados na prática

Poderíamos citar numerosos exemplos de problemas em potencial nas revistas³ que relatam as experiências e as reflexões de tradutores profissionais. Mas prefiro ficar, na prática, com as traduções de um pequeno texto do humorista norte-americano Art Buchwald⁴, que foram feitas por alguns tradutores profissionais (T1 a T6) que frequentavam os seminários do doutorado de Tradutologia na *ESIT* em 1992-1993. Isso me permitirá, ao mesmo tempo, evitar pensar de maneira abstrata e ilustrar certos problemas da prática em contexto⁵.

Em uma de suas crônicas do *New York Times*, Buchwald ilustra o paradoxo segundo o qual para ser “liberada” uma mulher deve se servir de uma outra, aquela que se ocupa da limpeza e das crianças enquanto a primeira exerce uma atividade profissional.

Ao longo desta análise, limito-me a retomar, em cada exemplo, a frase ou a passagem do texto, que se encontra na íntegra no anexo.

A ausência de desverbalização

A tradução interpretativa é caracterizada por três etapas que se apresentam em uma ordem mais ou menos aleatória, mais frequentemente se sobrepondo do que se sucedendo, mas que podemos apresentar separadamente para maior comodidade: leitura, desverbalização, reexpressão do sentido. A fase intermediária, a desverbalização, é indispensável para evitar a transcodificação, o decalque.

³ Na França, o Boletim da Société Française des Traducteurs (STF) “*Traduire*”; nos Estados Unidos, os trabalhos das conferências da American Translators Association (ATA); em nível internacional, os anais dos congressos da Fédération Internationale des Traducteurs (FIT) e sua publicação regular *Babel*; por último, mas não menos importante, *META*, revista canadense de difusão internacional. São apenas algumas das numerosas revistas de tradução que são publicadas pelo mundo. É preciso somar a elas os prefácios frequentes das obras traduzidas, nos quais os tradutores expõem os problemas com os quais se depararam e as razões das soluções adotadas.

⁴ Buchwald, A. (1981): “The woman behind the woman”, *While Reagan slept*, Fawcett Crest, New York.

⁵ O texto de A. Buchwald visa ao grande público. O tema tratado não é especializado e não exige conhecimentos específicos. Eu me apoiarei essencialmente nas duas traduções (T1 e T2) que julguei terem obtido maior êxito, pois, na teoria e na prática, as traduções não apenas se baseiam em textos, mas são em si textos que constituem o contexto fora do qual se falsearia a análise e se colocaria a tradução no nível da língua, deixando o debate transcorrer em uma perspectiva de comparativismo e de transcodificação. Aqui, me reportarei a exemplos pontuais dessas duas traduções e também de outras proposições que o leitor substituirá em contexto.

A transcodificação das palavras

Encontraremos abaixo dois exemplos de transcodificação lexical: *liberated* e *screaming*.

Exemplo 1:

*Behind every **liberated woman**, there is another woman who has to do the dirty work for her.*

Para quem compreende o inglês, essa passagem fica imediatamente clara; o único empecilho é o problema de expressão quando a desverbalização é insuficiente⁶.

(T1) *Derrière chaque **femme libérée**, il s'en cache une autre qui fait le sale boulot à sa place.* (Atrás de cada mulher liberada, se esconde uma outra, que faz o trabalho sujo em seu lugar).

(T2) *Derrière chaque **femme libérée**, il s'en cache une autre, en tablier.* (Atrás de cada mulher liberada, se esconde uma outra, de avental).

Os tradutores aderiram ao decalque “*femme libérée*” (mulher liberada) que encontramos na imprensa feminina. No fundo, eles sabem que nesse artigo Buchwald evoca os fenômenos sociais decorrentes do “*Women's lib*” dos anos 60. “*Liberated woman*”, nos Estados Unidos, corresponde a uma noção clara, a um referente bem determinado. Na França, o movimento feminista não teve a amplitude que conheceu nos Estados Unidos; foi aceito tão rápido que as mulheres dos meios burgueses podiam trabalhar sem privação, de modo que os franceses parecem não ter tido necessidade de criar uma expressão própria para essa noção, eles se contentaram em tomá-la emprestada, literalmente, do inglês.

A maior parte dos tradutores escreveu “*femme libérée*” (mulher liberada), porém, alguns mais sensíveis ao significado da palavra francesa “*libérée*” – liberada por quem, de quê? – escreveram “*femme libre*” (mulher livre), e umas das traduções continha “*femme active*” (mulher ativa), o que está bem longe do texto, por omitir a referência implícita às reivindicações feministas.

O tradutor é o guardião da língua, o último pilar em que se conserva a integridade da relação entre os conceitos e a língua; para se expressar de maneira adequada, ele redescobre a realidade que se esconde atrás da palavra; uma desverbalização completa, uma tomada de consciência do que se trata teria permitido retomar uma expressão como “*femme émancipée*” (mulher emancipada), que corresponde a uma maneira mais clara de expressar a ideia do texto.

Conhecemos o problema dos falsos cognatos; o decalque é seu parente próximo, e se o tradutor experiente não cai nessa armadilha do falso sentido grosseiro, acontece às vezes de se esquecer de aplicar uma regra simples: sempre duvidar da estrita identidade conceitual de formas semelhantes nas duas línguas.

No momento atual, o decalque é uma importante fonte de penetração de significados lexicais ingleses no francês. Sob o efeito desse fenômeno, os significados iniciais das palavras francesas se enriquecem com uma camada semântica suplementar. Assim “*initier*” (iniciar), sob a influência do inglês é, por vezes, utilizada como “*commencer*” (começar), além de seu significado anterior de “*révéler*” (revelar), “*admettre à la connaissance*” (admitir no círculo),

⁶ Nota dos tradutores: uma vez que as análises da autora são feitas nas traduções em francês em comparação com o original em inglês, achamos conveniente manter essas traduções e inserir as nossas entre parêntesis.

e o termo “*global*” (global), além do significado inicial de inteiro, total, assume aquele de “*mondial*” (mundial), “*universal*” (universal).

Exemplo 2:

*But one breakdown in the support system and then he starts **screaming** he didn't marry a woman who would ignore her house and children.*

Muitas traduções apresentaram:

*ils (les maris) se mettent à **hurler** que ...* (eles (os maridos) se põem a berrar que...)

A impressão de uma violência beirando à histeria que o verbo francês “*hurler*” (berrar) apresenta não combina com o comportamento do marido tal qual descrito. Por mais que a língua inglesa use “*screaming*”, a palavra “*hurler*” altera a ideia. “*Crier*”, empregado por (T1), corresponde melhor à ideia que provém da palavra e do contexto desverbalizado: “*Ils se mettent à crier que...*” (eles se põem a gritar...) assim como a versão de (T2): “*ils poussent les hauts cris et disent...*” (eles dão gritos altos dizendo...), ou àquela de um outro tradutor: “*Il fait toute une histoire en disant que...*” (ele faz um estardalhaço dizendo que...). Transcodificar a palavra “*screaming*” sem levar em conta o contexto é um erro de método. Nossos estudantes nos explicam, frequentemente, quando os questionamos: “Mas Buchwald (ou X...) disse realmente ‘*screaming*’ (ou qualquer outra palavra)”. Minha resposta é, invariavelmente, que a palavra inglesa “*screaming*” não expressa, nesse contexto, a noção de “*hurlements*” (berros), que as palavras se impregnam com as nuances trazidas pelo contexto e que a tradução diz respeito à totalidade do texto. Traduzir um texto é partir de uma ideia desverbalizada; o explícito pontual de uma palavra contribui ao aparecimento da ideia. A palavra explícita mais remete à ideia do que a exprime.

Com “*he starts screaming - il se met à hurler*” temos um exemplo suplementar da necessidade de desverbalizar para levar em conta o contexto cognitivo e expressar na língua de chegada a nuance pretendida pelo autor na língua que ele usou.

A transcodificação das frases

As diferenças na estrutura sintática entre as línguas impõem restrições ao tradutor, de maneira que, mesmo o mais mediano tradutor iniciante não procede palavra por palavra, mas sim respeita a sintaxe da língua de chegada. No entanto, quando as línguas não impõem, logo de início, uma reestruturação fraseológica importante, que teria obrigado uma certa desverbalização, vemos transcodificações que podem ser equiparadas a uma tradução palavra por palavra.

Exemplo:

She always knows where his shirts are.

Vários tradutores escreveram:

Elle sait toujours où sont ses chemises. (Ela sempre sabe onde estão suas camisas).

Em uma das traduções (T2) está escrito: “*Elle sait toujours lui trouver ses chemises*” (Ela sempre sabe onde encontrar suas camisas). A frase inglesa “*She always knows where his shirts are*” é uma sinédoque que remete a um conjunto cognitivo. Juanita não é apenas preciosa porque “*elle sait où sont les chemises de Monsieur*” (ela sempre sabe onde estão as camisas do patrão), mas porque as encontra para ele quando delas precisa. O inglês deixa

subentendido que Juanita as encontra para ele, já o francês, que ela sabe onde as camisas estão⁷.

Em cada língua, a sinédoque explícita remete, por meios diferentes, a um conjunto mais amplo. As frases estrangeiras cuja estrutura corresponde a uma estrutura habitual na língua de chegada constituem, pelo fato de sua aparente simplicidade, uma dificuldade séria de reexpressão quando se trata de traduzir textos. A facilidade de tradução que parecem apresentar cria um obstáculo a uma pesquisa mais aprofundada do sentido.

A desverbalização, uma questão de método

A remanência dos signos sobre o papel torna a tarefa difícil para aqueles que não tomaram consciência da necessidade de desverbalizar. Sejam os que escrevem sua tradução sem tirar os olhos do original ou aqueles que não formulam mentalmente sua frase antes de colocá-la no papel, o resultado é mais desajeitado do que se tivessem expressado uma ideia totalmente livre de seu invólucro verbal original.

Exemplo:

... (*He starts screaming*) *he didn't marry a woman who would ignore her house and children.*

As traduções resultaram em frases que um nativo não utilizaria:

(T1) *Ils ne se sont pas mariés pour vivre avec une femme qui néglige ses enfants et sa maison.* (Eles não se casaram para viver com uma mulher que negligencia seus filhos e sua casa).

(T2) *Ils n'ont pas épousé une femme qui se fiche de sa maison et de ses enfants.* (Eles não esposaram uma mulher que não dá a mínima para sua casa e para seus filhos).

(T3) *En se mariant, il ne croyait pas qu'un jour sa femme négligerait foyer et enfants.* (Ao se casar, ele não acreditava que um dia sua mulher negligenciaria a casa e os filhos).

(T4) *Il n'a que faire d'une femme qui laisse tomber sa maison et ses enfants.* (Ele não sabe o que fazer com uma mulher que deixa pra lá sua casa e seus filhos).

(T5) *Il n'est pas marié pour avoir une femme qui néglige sa maison et ses enfants.* (Ele não está casado para ter uma mulher que negligencia sua casa e seus filhos).

(T1) e (T2) são ligeiramente contraditórios, (T3) é mais lamurioso, (T4) mais livre, (T5) desastrado; somente (T6) é rigorosamente fiel ao sentido.

(T6) *Il pousse les hauts cris en disant que) sa femme abandonne ses enfants et son foyer et qu'il ne s'est pas marié pour ça.* ((Ele emite altos gritos dizendo que) sua esposa abandona seus filhos e sua casa e que ele não se casou para isso).

⁷ Nota dos tradutores: segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, sinédoque é um “tipo especial de metonímia baseada na relação quantitativa entre o significado original da palavra usada e o conteúdo ou referente mentado; os casos mais comuns são: parte pelo todo: *braços para a lavoura* por ‘homens, trabalhadores’; gênero pela espécie ou vice-versa: *a sociedade* por ‘a alta sociedade’, *a maldade do homem* por ‘da espécie humana’; singular pelo plural ou vice-versa: *é preciso pensar na criança* por ‘nas crianças’”. O tradutor procura através da sinédoque, com expressões em sua própria língua, apresentar ao seu leitor, de forma mais idiomática o possível, a relação entre implícito/explicito das expressões do original. Trazendo assim mesmo que parte do contexto (implícito), da língua de partida, em expressões (explícito) que remetam a esse contexto, na língua de chegada. Sendo a sinédoque diferente de língua para língua.

A ideia da frase é simples, mas precisava, para expressá-la como (T6) o faz, aceitá-la fora das estruturas linguísticas.

A unidade da tradução

Intuitivamente, sabemos ao traduzir que a palavra não é a unidade de tradução, embora escutemos ainda, frequentemente, perguntar como se diz em inglês uma palavra, por exemplo, ou vice-versa.

Mesmo vendo na tradução apenas a passagem de uma língua para outra, J.-P. Vinay e J. Darbelnet vão além da palavra tipográfica para definir a unidade de tradução: “O menor segmento do enunciado cuja coesão dos signos é tal que eles não devem ser traduzidos separadamente: ex.: ‘*prendre son élan*’ (tomar impulso), ‘*de demain en huit*’ (daqui uma semana), etc.” (VINAY e DARBELNET, 1958, p.16, tradução nossa)⁸.

J. Delisle, por sua vez, vai não somente além da palavra, mas ainda insiste no fato de que “não traduzimos [um texto] em ‘frases soltas’, mas [que] é preciso levar em conta a dinâmica interna de seu desenrolar, do impulso de pensamento que o gerou.” (DELISLE, p.191, tradução nossa)⁹.

Dito de outra forma, na frase, dispomos de um contexto verbal suficiente para depreender os significados atualizados das palavras, mas falta-lhe o contexto cognitivo e essa ausência ocasiona riscos de erro para o tradutor.

Exemplo:

A questão seguinte é um bom exemplo deste fenômeno:

You pay her?

Essa breve questão poderia ter sido traduzida fora de contexto por *Vous la payez?* (Você lhe paga?) dando a impressão (sobretudo para aqueles que conhecem o sistema da jovem moça *au pair* não remunerada) de que poderia se tratar de uma ajuda familiar voluntária. Os complementos de informação, presentes no texto, indicam que se trata de uma empregada doméstica remunerada; (T1) e (T2) traduziram bem: *C’est vous que la payez?* (É você que lhe paga?). O texto em inglês, na verdade, contém uma resposta: *Of course, I pay her* (Claro, eu lhe pago), e uma nova questão: *You mean your husband doesn’t contribute to her wages?* (Quer dizer que o seu marido não contribui com o salário dela?), que nos faz compreender o que subentende a primeira. Oralmente, teria expressado o subentendido por uma acentuação do pronome: *You pay her?* No inglês escrito, essa acentuação está subentendida e no francês deve ser expressa por uma focalização: *C’est vous qui...* Para ouvir o acento sobre ‘*you*’, o leitor inglês tem o contexto cognitivo na cabeça, o tradutor francês não pode deixar de considerar isso para expressar o sentido.

Quando o tradutor percebe um sentido que se integra de maneira coerente à continuação do texto, ele está de posse de uma unidade de tradução; mistura de explícito e de cognitivo, ela é uma unidade de sentido.

⁸ Em francês, no original: “Le plus petit segment de l’énoncé dont la cohésion des signes est telle qu’ils ne doivent pas être traduits séparément : ex. : ‘*prendre son élan*’, ‘*de demain en huit*’, etc.”.

⁹ Em francês, no original: “[...] traduit pas [un texte] en ‘phrases détachées’, mais [qu’]il faut tenir compte de la dynamique interne de son déroulement, de l’élan de la pensée qui l’a généré.”

Fidelidade

A fidelidade é uma noção chave na Tradutologia. Para nós, ela só pode ser a fidelidade aos diferentes aspectos do sentido. Veremos aqui alguns exemplos da maneira como essa fidelidade é realizada graças à **visualização de uma situação**, ao **conhecimento de uma realidade**, à conscientização da **função simbólica** de uma expressão, àquela da natureza do **idiomatismo**, enfim ao **registro de expressão**.

Exemplo 1: a visualização

*For every liberated woman you see **in an office**, there is another woman...*

Certas traduções verteram “*in a office*” literalmente como “*dans un bureau*” (dentro de um escritório); (T2), por outro lado, escreveu: “*derrière un bureau*” (atrás de uma mesa de escritório). Ele levou em conta o conjunto do contexto: “*Lila reçoit derrière un bureau*” (Lila recebe atrás de uma mesa de escritório) é possível que (T2) não tenha escolhido, conscientemente, escrever “*derrière*” no lugar de “*dans*”. Apostamos, entretanto que ele imaginou a cena e que, não prestando atenção às palavras no inglês, descreveu naturalmente: “*Toutes les fois que vous voyez une femme derrière un bureau, il y en a une autre ...*” (toda vez que você vê uma mulher atrás de uma mesa de escritório, há uma outra...).

Outros escreveram: “*chaque fois qu’une femme libérée travaille dans un bureau*” (todas as vezes que uma mulher liberada trabalha em um escritório); tanto “*derrière un bureau*” quanto “*travaille dans un bureau*” denotam uma preocupação dos tradutores com a fidelidade. A fidelidade se direciona ao sentido; ao contrário, uma fidelidade à letra seria pouco fiel. A transcodificação daria: “*pour chaque femme libérée que vous voyez dans un bureau il y en a une autre femme...*” (para cada mulher liberada que você vê em um escritório há uma outra mulher...); ora, podemos ver mulheres, em um escritório, mas o que nos faria reconhecê-las como mulheres? Uma mãe de família pode estar em um escritório para abrir um processo. “*Derrière un bureau*” ou “*travaille dans un bureau*” designa, em francês, o mesmo conjunto cognitivo que em inglês. Notemos que essa análise é feita *a posteriori*: o tradutor que desverbaliza se expressa espontaneamente em francês.

Exemplo 2: a realidade concreta

*When we get home at night, he wants to know why there are **no clean sheets** on the bed.*

(T1) *il fait toute une histoire si **les draps n’ont pas été changés***. (ele faz um alarde se os lençóis não tiverem sido trocados).

(T2) *il me demande comment cela se fait que **les draps n’aient pas été changés***. (ele me questiona como é que os lençóis não foram trocados).

Em nenhuma das traduções encontramos para “*clean sheets*” a transcodificação “*draps propres*” (lençóis limpos). “*Draps propres*” remetaria o leitor francês à ideia de “*draps sales*” (lençóis sujos). Na abundância em que vive Lila, trocam-se os lençóis sem esperar que eles estejam sujos.

Não se pode pensar que os tradutores tenham equiparado as expressões “*clean sheets*” e “*draps propres*” para rejeitar a expressão francesa, procurar conscientemente outra coisa e encontrar “*changer les draps*” (trocar os lençóis). Eles entenderam o sentido e o expressaram naturalmente da maneira mais corrente no francês. Esse é designado, em inglês, pela sinédoque “*clean sheets*”, restituído em contexto, em francês, por outra sinédoque “*changer*

les draps”. A fidelidade ao sentido restitui, por sinédoques diferentes, um mesmo conjunto cognitivo.

Exemplo 3: a função simbólica

*Now it turns out that without Juanita **mopping floors**, you wouldn't be liberated at all.*

Aqui, a sinédoque não é mais uma representação visual (*une femme derrière un bureau*, uma mulher atrás de uma mesa de escritório) ou uma realidade concreta (*changer les draps*, trocar os lençóis), mas um símbolo; “*mopping floors*” (esfregando pisos) simboliza as tarefas domésticas que uma mulher que trabalha descarrega sobre a empregada, o “*dirty work*” (trabalho sujo), o indigno trabalho mencionado no início.

Na tradução, o símbolo encontra outros símbolos:

(T1) *Sans Juanita pour passer le torchon.* (Sem Juanita para passar o pano).

(T2) *Si Juanita n'était pas là pour froter par terre.* (Se Juanita não estivesse aqui para esfregar o chão).

(T3) ... *pour laver le carrelage.* (para lavar o ladrilho).

(T4) ... *pour froter les parquets.* (para esfregar os pisos de madeira).

(T5) ... *pour passer l'aspirateur.* (para passar o aspirador).

As traduções de (T1) e (T2) são mais espontâneas, o simbolismo é mais respeitado. Em (T3) temos: “*laver le carrelage*” (lavar o ladrilho), em (T4): “*frotter le parquet*” (esfregar os pisos de madeira), ao passo que nada nos permite supor que tenha na casa de Lila “*carrelages*” (ladrilhos) ou “*parquets*” (pisos de madeira). Aliás, “*passer l'aspirateur*” (passar o aspirador) é um trabalho menos degradante e que corresponde menos ao símbolo de “*mopping floors*” (esfregar pisos).

A tradução de “*mopping floors*” por (T1) e (T2) estabelece uma relação entre o concreto e seu simbolismo. Juanita efetua todas as tarefas domésticas simbolizadas por “*mopping floors*”, uma outra tarefa doméstica de mesmo nível: “*passer le torchon*” (passar o pano) ou “*frotter par terre*” (esfregar o chão) pode simbolizá-las bem.

A fidelidade ao sentido permite adaptar-se a toda complexidade do emprego da linguagem.

Exemplo 4: o idiomatismo

I always saw you as someone who had the best of both worlds.

Aqui, nos referimos a uma expressão idiomática. Já escrevi que as expressões prontas estavam a meio caminho entre língua e discurso. Lexicalizadas, elas pertencem à língua, mas ao transcender seu significado linguístico para designar um sentido, pertencem também ao discurso. O sentido da expressão idiomática tem aqui a particularidade de representar uma parcela da sabedoria das nações; em seu emprego ele autentifica e reforça um sentido que um autor escolheu expressar dessa forma.

Quando as expressões idiomáticas possuem uma correspondência em uma outra língua, elas são de alguma forma transcodificáveis (pertencem ao linguístico), mas, transcodificáveis por equivalência (pertencem ao discurso). É o caso de vários provérbios e ditados: “*a bird in the hand is worth two in the bush*” - mais vale um pássaro na mão do que dois voando, etc.

Quando elas não têm correspondência, sua expressão interpretativa tem, por vezes, tendência à perda de suas características de metáfora e, então, tendem a serem banalizadas.

É o caso de (T1) que traduz:

“*J’avais l’impression que vous cumulez les avantages...*” (Eu tinha a impressão de que você acumulava as vantagens...).

(T2) entendeu que uma expressão idiomática traz algo a mais que o nocional: “*J’avais l’impression que vous l’emportez sur tous les tableaux*”. (Tinha a impressão de que você levava vantagem em todos os cenários).

A expressão idiomática empregada respeita, ao mesmo tempo, a ideia e o estilo do autor. Ele entendeu a necessidade de ser fiel ao efeito para estabelecer uma verdadeira equivalência entre os dois textos.

Lê-se, com interesse, uma análise das expressões idiomáticas efetuada por G. Misri. Ele estudou o que chama de “componentes comunicativos” e estabeleceu um “método flexível, não reduzido a um repertório de soluções pré-estabelecidas” (MISRI, 1990, p.160, tradução nossa)¹⁰, para permitir ao pesquisador avaliar o sucesso da tradução de expressões idiomáticas. Segundo seu método, enquanto (T2) passa no exame com louvor, (T1) não obtém sucesso.

Exemplo 5: o registro de expressão

You’ve got the picture.

Há aqui um outro idiomatismo que, desta vez, expressa uma certa intimidade entre os interlocutores; o nível de linguagem é o informal. A cena é vívida e, após uma contextualização um pouco longa, o interlocutor entende a situação e mostra simpatia por Lila: “*Now it turns out that without Juanita mopping floors you wouldn’t be liberated at all*”, ao que Lila responde: “*You’ve got the picture*”. Eles agora estão em sintonia. O tom informal mostra a nova relação entre os dois personagens da narrativa, sendo os tradutores fiéis.

(T1) *Vous y êtes !* (Você entendeu tudo!)

(T2) *On ne peut rien vous cacher !* (Não se pode esconder nada de você!)

Para citar novamente Misri (p.147): “O tradutor avalia pessoalmente os efeitos produzidos sobre si, enquanto receptor do texto de partida, e tenta reproduzir esses efeitos se colocando no lugar do receptor da tradução” (MISRI, 1990, p.147, tradução nossa).¹¹

A transferência cultural

Entre as dificuldades da tradução, as mais frequentemente mencionadas são os problemas ditos culturais. Os objetos ou as noções exclusivas de uma dada cultura não possuem correspondências lexicais na sociedade de recepção, e se conseguimos expressá-los, não podemos contar que o leitor da tradução conheça com precisão a natureza desses objetos e dessas noções. Os hábitos de vestimentas ou os hábitos alimentares, os costumes religiosos e tradicionais mencionados pelo original não são óbvios para o leitor da tradução. Não se trata apenas de saber qual palavra colocar na língua de chegada em correspondência àquela da

¹⁰ Em francês, no original: “[...] méthode souple, non réduite à un répertoire de solutions pré-établies [...]”.

¹¹ Em francês, no original: “Le traducteur évalue personnellement les effets produits sur lui, en tant que récepteur du texte de départ et tâche de reproduire ces effets en se mettant à la place du récepteur de la traduction”.

língua de partida, mas também e sobretudo de saber como transmitir ao máximo o mundo implícito que reveste a linguagem do outro.

Compreendamos, primeiramente, o significado da palavra “cultural”. Para os franceses, a cultura subentende a arte, a literatura, a música e ainda a ciência, como apontam as competências do Ministério da Cultura ou os temas tratados na UNESCO. A palavra inglesa “*culture*”, por outro lado, remete a elementos tão variados quanto: costumes, comidas, vestimentas, moradia, moral e tradições. Como o sentido inglês do termo se impôs nos escritos tradutológicos, empregarei “cultural” com o sentido duplo: o do inglês e o do francês.

O problema da reexpressão de um mundo estrangeiro deu lugar a discussões epistemológicas que, para nós, exageraram a dimensão do problema. Considerando que cada língua faz um recorte do mundo à sua própria maneira, o que é verdadeiro, concluiu-se, o que é falso, que cada língua impõe uma visão de mundo particular àqueles que a falam (é a famosa hipótese Sapir-Whorf).

Assim, mais um passo foi dado: uma língua, por não refletir em seu léxico e suas estruturas os fatos e noções de um determinado universo, estaria impossibilitada de transmiti-los a seu próprio universo. Isso seria verdade caso a tradução fosse uma transcodificação, o que não é no nível da tradução de textos, no qual os complementos cognitivos têm um papel tão importante quanto a expressão linguística e se constroem durante a leitura de um texto ou durante a tradução. O tratamento teórico da tradução parte do princípio de que o tradutor tem conhecimento sobre o tema tratado pelo autor, o que tanto para os textos pragmáticos quanto para os literários significa que ele conhece a “cultura” da sociedade que usa a língua em questão (ou, caso existam lacunas, ele esteja consciente delas e saiba como adquirir os conhecimentos necessários para preenchê-las). O tradutor bilíngue é também bicultural, capaz de enxergar o mundo representado por textos escritos em duas línguas diferentes, graças a seus conhecimentos linguísticos, mas também graças a seu conhecimento de “mundo”. Capaz de enxergar o mundo estrangeiro, ele consegue expressá-lo e mostrá-lo para aqueles que o ignoram. Se o homem apenas possuísse a faculdade de enxergar e entender aquilo que conhece previamente, ele não conseguiria adquirir o conhecimento para além do aprendizado da língua e de seus significados.

Em se tratando de literatura estrangeira que recorre ao universal humano, qualquer leitor tem condições de compreendê-la. Em se tratando dos costumes, das tradições, às quais faz alusão, o leitor estrangeiro raramente possui um conhecimento suficiente para acessar os aspectos culturais estrangeiros em sua totalidade através de uma tradução literal. Compete ao tradutor oferecer ao leitor estrangeiro conhecimentos suplementares, mínimos, mas suficientes para abrir uma fresta da porta que leva à compreensão do outro. O leitor da tradução pode estar em um estado de ignorância, mas não de imbecilidade; ele completa, muito rapidamente, graças ao texto, certas informações que lhe faltavam no início. O tradutor o auxilia ao explicitar certos implícitos do texto original e ao empregar recursos linguísticos suficientes para designar os referentes para os quais não há correspondência direta em sua língua. O leitor da tradução nunca saberá tanto do mundo estrangeiro quanto o leitor nativo, mas ele não permanecerá no estado de ignorância.

Pode não haver uma solução geral e única para a transferência cultural. A solução pertinente será *ad hoc*, de acordo com o trecho a traduzir. Para ilustrar a maneira como os tradutores resolvem, na prática, algumas dificuldades de transferência cultural, volto ao texto de A. Buchwald e suas traduções.

Alguns procedimentos de transferência de realidades estrangeiras

A adaptação

As diferenças de sistemas jurídicos constituem um grande obstáculo para a transcodificação. O tradutor de textos as vence levando em conta o contexto e a finalidade de sua tradução.

Exemplo:

*She works for a **law firm** from 9 to 5...*

Nas traduções, encontramos “*cabinets juridiques*” (escritórios jurídicos), mas para a maioria dos tradutores pareceu preferível traduzir *law firm* por “*cabinet d’avocats*” (escritório de advogados). Sem dúvida um *lawyer* não é, obrigatoriamente, um *avocat*, mas para aqueles que conhecem um pouco os Estados Unidos, a frequência da intervenção dos “*law firms*” na realidade americana é tamanha, por ações na justiça tão comuns, que a tradução considerou tais realidades culturais ao escolher “escritório de advogados”.

A conversão

Uma iguaria tem uma composição, é preparada de uma certa forma e tem também uma função social: prato usual ou servido na ocasião de festividade. O tradutor conhece essas características e procura, ao máximo, torná-las compreensíveis.

Exemplo:

*... frankly we’re all getting a little tired of **fried beans**.*

O “*fried beans*” (feijões refogados) é um prato tão comum na América do Sul quanto o hambúrguer o é na América do Norte ou o *biftek* (bife de carne bovina) na França. Trata-se de “*frijoles refritos*”, purê de feijões vermelhos ou pretos salteados na manteiga ou no óleo, que servem como acompanhamento para praticamente todos os pratos. “*Fried*” (refogado) não se refere mais a uma fritura, assim como os “*beans*” não designam os feijões aos quais os franceses estão acostumados: feijão branco ou feijão verde; “*beans*” são pequenos feijões pretos ou vermelhos. Considerando a maioria dos restaurantes, nos Estados Unidos, que servem cozinha sul-americana, o leitor norte-americano reconhece nas palavras “*fried beans*” um cardápio que o leitor francês ignora, em grande medida, e que a transcodificação “*haricots frits*” (feijões fritos) não identifica.

No texto, “*fried beans*” faz parte dos hábitos alimentares da empregada, e o que Lila diz sobre eles implica a representação de uma comida estrangeira para a família. O sentido de “*fried beans*” é resultado tanto da referência (o prato) quanto do contexto (a estranheza desse prato para a família). Aqui não se trata de falar de uma receita de cozinha, e é lógico que os feijões não são consumidos crus, por isso (T1) e (T2) omitem, igualmente, “*fried*” e traduzem “*fried beans*”, respectivamente, por “*haricots rouges*” e “*haricots noirs*” remetendo assim, por um lado, ao exotismo desse prato para a família de Lila e, por outro lado, à realidade: a espécie dos feijões.

Outro tradutor manteve a ideia de um prato estrangeiro mais comum e conhecido, na França, que “*fried beans*” e escreveu: “*chili con carne*”. Sem dúvida ele julgou que deveria transmitir, acima de tudo, a ideia de uma família norte-americana que inevitavelmente consumia a cozinha sul-americana. A escolha de “*chili con carne*” pode ser considerada satisfatória sob a perspectiva do método, desde que se considere que “*chili con carne*” é mais conhecido, na França, do que *fried beans*.

A explicitação

Os nomes cumprem uma função de identificação de indivíduos e de categorias. Tratando-se de indivíduos, os nomes conservam, naturalmente, sua forma na tradução. Tratando-se de categorias, o tratamento de nomes na tradução implica que essa seja compreendida sob sua identificação.

Exemplo:

I couldn't work if it weren't for her [Juanita], and the fact the Safeway stays open until nine.

(T1) manteve *Safeway*, (T2) passou para a categoria ao escrever “*le supermarché*” (o supermercado). (T1) trata o leitor francês como alguém que conhece os Estado Unidos, (T2) o trata como alguém que não conhece nem um pouco. Outros vários tradutores transitaram entre essas duas opções ao explicitar “*le supermarché Safeway*” fornecendo, assim, ao leitor francês a mesma informação, e não o mesmo número de palavras que o leitor americano recebeu. O princípio da explicitação é fundamental na tradução. Na relação implícito/explicito conhecida de todo texto, o autor supõe que esteja presente em seu leitor uma quantidade de informações que o tradutor possui também, mas que o leitor estrangeiro não possuirá ou possuirá parcialmente. O bom tradutor modifica, com sensibilidade, a relação implícito/explicito do original para atingir um novo equilíbrio de implícito/explicito em sua língua (ver 1.7.2 e 2.2.4, primeira parte).

O etnocentrismo

Por vezes, o cuidado de aceitar o outro vai além da preocupação de torná-lo conhecido, e acontece até mesmo de o tradutor substituir os fatos do texto original pelos fatos de sua própria cultura, naturalizando-o.

Exemplo:

Safeway

Em uma das traduções “*Safeway*” torna-se “*Monoprix*” (rede de supermercados na França). No fim do texto, pelo mesmo tradutor, encontra-se: “*L'ANPE*” (Agence Nationale Pour l'Emploi), no lugar de “*Latin American employment agency*” (agência de empregos para latino-americanos). *Monoprix* é uma marca francesa que não existe nos Estados Unidos; *ANPE* é uma instituição do governo específica da França. Apenas substituir uma marca americana por uma francesa e agências de emprego privadas, que existem nos Estados Unidos, por uma organização do governo francês seria distorcer a realidade Americana.

Ao adotar esse procedimento, ao minimizar as diferenças entre a cultura original e a cultura de seu leitor, o tradutor busca, sem dúvida, tornar aceitável um texto no qual algumas características estrangeiras correriam o risco de permanecerem incompreendidas pelo leitor. Dessa forma, ele apaga a especificidade cultural do original e transmite, no fim das contas, uma informação falsa. A tradução por *Monoprix* e *ANPE* é um exemplo daquilo que se convencionou chamar de “*etnocentrismo*” (dito igualmente anexação ou naturalização).

Conservar o caráter estrangeiro do original, com o risco de não ser aceitável em tradução, ou, ao contrário, naturalizar o texto é uma questão discutida com certa confusão por um lado quanto aos fatos, aos costumes, às ideias que convém transmitir e, por outro, quanto à

expressão linguística de origem sobre a qual nos perguntamos se convém ser abandonada ou importada para a tradução.

O apagamento dos aspectos culturais subestima o dinamismo de qualquer conhecimento; conhecimentos e ignorâncias não são estáticos. O texto supre, em parte, a ignorância do leitor que aprende, ao ler, aquilo que ignorava sobre a cultura estrangeira. A cada instante, seu conhecimento se amplia com a contribuição da leitura. O bom tradutor se proíbe de “naturalizar” a cultura do original, assim como se proíbe de deixar no escuro o que convém deixar claro.

Ignorância do cultural

O tradutor não é onisciente e nem sempre pode encontrar informações que o fariam entender o texto para além das palavras.

Exemplo:

But every magazine you read in the supermarket features husbands of working wives sharing the household duties.

O que são esses supermercados nos quais se leem revistas? Seriam supermercados que vendem revistas ou que as distribuem gratuitamente (como os jornais locais pagos por meio de publicidade)?

Dois tradutores, (T2) e (T3), aparentemente conscientes do fenômeno cultural americano, de revistas vendidas na mesma área que produtos alimentares e de limpeza, não tiveram problema de expressão:

(T2) *Pourtant, dans toutes les revues que l'on voit dans les supermarchés, on vante les hommes qui mettent la main à la pâte quand leur femme travaille.* (No entanto, em qualquer revista que se vê nos supermercados, vangloriam-se homens que botam a mão na massa quando suas esposas trabalham.)

(T3) *les magazines qu'on trouve dans les supermarchés...* (as revistas que se encontram nos supermercados...)

Entre os outros tradutores, ninguém chegou ao fundo da questão; eles entenderam a ideia do trecho, mas não possuindo os conhecimentos pertinentes, expressaram-no da melhor forma que conseguiram, evitando a transcodificação: “*tous les magazines qu'on lit au supermarché*” (todas as revistas que se leem no supermercado), que teria soado incoerente para os franceses. Por não possuírem conhecimentos pertinentes, encontraram-se incapacitados de reconstruir o fenômeno cultural.

(T1) *Pourtant, tous les magazines populaires nous montrent des couples qui travaillent et où mari et femme partagent les travaux du ménage.* (No entanto, qualquer revista popular nos mostra casais que trabalham e nos quais esposo e esposa dividem as tarefas domésticas.)

(T4) *les kiosques sont pleins de revues où...* (os quiosques estão repletos de revistas nas quais...)

(T5) *dans tous les magazines, on voit...* (em todas as revistas, se vê...)

(T6) *chez mon coiffeur, il y a toujours des revues qui...* (no meu cabeleireiro sempre há revistas que...)

(T1) e (T5) evitam o problema, (T4) e (T6) ultrapassam os limites da interpretação; colocando as revistas, respectivamente, em quiosques e no cabeleireiro, esses tradutores traíram o sentido ao modificar a informação.

Os poucos exemplos dados aqui mostraram que a transferência cultural consiste em trazer ao leitor estrangeiro conhecimento sobre um mundo que não é o seu. Essa transferência não supre totalmente a distância entre dois mundos, mas deixa entrever uma janela para a cultura estrangeira. Para alcançar esse efeito, o tradutor mantém o referente estrangeiro transmitindo-o de forma compreensível. A aproximação de culturas, por meio da tradução, não se completa, evidentemente, por intermédio de uma única palavra ou de um único texto. É preciso uma infinidade de textos traduzidos para que, progressivamente, se crie uma imagem que consiga dissipar a ignorância e aproximar as civilizações.

A exploração do curto texto de A. Buchwald e dos problemas que são colocados na tradução poderia continuar indefinidamente. Ele permitiu ilustrar as dificuldades da desverbalização e o impulso da transcodificação, a pesquisa do objeto ao qual convém se manter fiel, as possibilidades de transferência cultural. Ele serviu também para ilustrar os fenômenos trabalhados na primeira parte do meu livro: o fascínio que a presença do original exerce, a intervenção da bagagem e do contexto cognitivo, o papel que tem esse fator chave para qualquer discurso e qualquer tradução que é a sinédoque, diferente em cada língua; enfim, a importância da desverbalização, que permite uma expressão ao mesmo tempo livre e fiel.

O texto de Buchwald está longe de ser integralmente explorado; outros problemas da tradução poderiam ter sido tratados. Meu objetivo não era de ser exaustiva. Mais do que raciocinar na abstração, eu quis mostrar, com base em traduções autênticas, a maneira pela qual certos problemas levantados nas discussões teóricas se resolvem na prática. Com a condição de considerar o domínio das línguas e o conhecimento das coisas como pressuposto, tudo se resume à aplicação de um método; a tradução é sempre possível para aquele que entende um texto e expressa o seu sentido.

THE PRACTICAL PROBLEMS OF TRANSLATION

ABSTRACT: This work brings some of the main concepts of Interpretive Theory of Translation through the analysis of concrete examples. Known in Brazil mainly in interpreter training programs, the Interpretive Theory of Translation, or *Théorie du Sens*, encompasses useful and valuable reflections also for textual translations. Problems observed by the author in translation practice include lack of deverbilization, transcoding of words and phrases, inaccurate identification of translation units, as well as the issues of fidelity, cultural transfer, and cultural ignorance.

Keywords: Interpretive Theory of Translation. Translation Studies. Translation Practice. Marianne Lederer.

Referências

DELISLE, J. *L'Analyse du discours comme méthode de traduction*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 1980.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEDERER, M. Les problèmes pratiques de la traduction. In: _____. *La traduction aujourd'hui: le modèle interprétatif*. Paris: Lettres Modernes Minar, [1994] 2015. p. 93-108.

MISRI, G. *La traductologie des expressions figées: études traductologiques*. Paris: Minard Lettres Modernes, 1990.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958.

Anexo

“The Woman behind the Woman”, Art Buchwald

Behind every liberated woman, there is another woman who has to do the dirty work for her.

I discovered this talking to Lila Peabody. Lila works for a law firm from nine to five, or six, or seven depending on what case she is involved in.

Lila told me she couldn't do it if it wasn't for Juanita. “Who is Juanita?” I wanted to know.

“Juanita takes care of the house and the children, and cooks our meals. I couldn't work if it weren't for her, and the fact the Safeway stays open until nine.” “You pay her?” “Of course I pay her,” Lila said. “Half my salary goes to Juanita.”

“You mean your husband doesn't contribute to her wages?”

“No. He insists if I want to work, I have to pay somebody to do the things I had to give up when I took my job.”

“That doesn't seem fair. I should think he would be proud of you for being a lawyer and making it in a man's world.”

“He is, as long as there is somebody at home. Frankly, I think he's more proud of Juanita. She always knows where his shirts are.”

“I didn't know there was such a high price for women's liberation.”

“There is if you're married and have to keep a house. For every liberated woman you see in an office, there is another woman behind her providing the support system for the marriage. If the woman is divorced and has children it's even more costly, because no ex-husband is going to pay for his wife and also the woman who has to take care of his kids.”

“But at least you're a person in your own right,” I said.

“I am as long as Juanita doesn't quit. It isn't easy to find someone who will be house-keeper and take care of the kids, and wait until you get home at night. I've been through three Juanitas in two years. One came from El Salvador, another from Ecuador, and this one is from Bolivia.”

“Your Spanish must be very good by now.”

“It's perfect, but frankly we're all getting a little tired of fried beans.”

“It seems irony that in order to be free, a woman must find another woman to replace her.”

“There's no choice. A husband is willing to go along with a liberated wife as long as things are running smoothly at home. But one breakdown in the support system and then he starts screaming he didn't marry a woman who would ignore her house and children.”

“But every magazine you read in the supermarket features husbands of working wives sharing the household duties.”

“The magazines are the only place you see them. The American male is prepared to accept that his wife should be free to do her own thing, as long as everything else is done as well. When we go to parties, my husband introduces me proudly to everyone as ‘my wife the lawyer;’ When we get home at night, he wants to know why there are no clean sheets on the

bed.”

“It’s funny,” I said “until I talked to you, I thought every liberated woman had it made. I always saw you as someone who had the best of both worlds. Now it turns out that without Juanita mopping floors, you wouldn’t be liberated at all.”

“You’ve got the picture,” Lila said. “Any married woman who wants to be liberated better have a good pal in a Latin American employment agency.”

“What happens when your support system gets sick?” “I stay home and everyone in the law firm says, ‘We knew this would happen if we hired woman lawyer.’”

Art Buchwald, *While Reagan slept* (New York, Fawcett Crest, 1981), “The Woman behind the Woman”, pp. 253-5.

© 1983 Art Buchwald

G.P. Putnam’s Sons (a division of Penguin Group (USA) Inc.).

Data de submissão: 07/11/2019.

Data de aceite: 03/12/2019.